



## **GRUPOS DO FACEBOOK DE MÃES DE TDAH: ESPAÇO DE DIÁLOGO**

Eixo 09 - Educomunicação e Práticas Sociais

Letícia Fumiko KUDO<sup>1</sup>  
Ilka Miglio de MESQUITA<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo tem como tema a narrativa em grupos de Facebook de mães de crianças que possuem Transtorno de Déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e trará um recorte teórico sobre a pesquisa em andamento. Com o objetivo de refletir criticamente sobre os espaços das mídias sociais digitais, como espaço de interação, mobilização social e aprendizado, pensamos nosso objeto de estudo a partir da ótica e ponto de vista de autores que enxergam o uso das mídias, a transformação que a internet tem trazido à sociedade, tanto de forma negativa para um diálogo, como de forma positiva pelos que percebem toda transformação e possibilidades geradas pela internet e mídias sociais. Assim, estabeleceremos diálogos e reflexões sobre a importância destes espaços virtuais para as mães de crianças com o TDAH.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grupos de Facebook; Mães; TDAH.

### **ABSTRACT**

The article has as its theme the narrative in Facebook groups of mothers of children who have Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) and will bring a theoretical outline about the research in progress. In order to critically reflect on the spaces of digital social media, as a space for interaction, social mobilization and learning, we think of our object of study from the perspective and point of view of authors who see the use of media, the transformation that internet has brought to society, both in a negative way for a dialogue, and in a positive way for those who perceive all the transformation and possibilities generated by the internet and social media. Thus, we will establish dialogues and reflections on the importance of these virtual spaces for the mothers of children with ADHD.

**KEYWORDS:** Facebook Groups; Mothers; ADHD

---

<sup>1</sup> Universidade Tiradentes-UNIT; Mestranda em Educação, GPHMEI – Grupo de Pesquisa História, Memória, Educação e Identidade; e-mail: leticiakudo.tl@gmail

<sup>2</sup> Universidade Tiradentes-UNIT; Doutora em Educação-Unicamp; GPHMEI – Grupo de Pesquisa História, Memória, Educação e Identidade; e-mail: ilkamiglio@gmail.com



## 1 Introdução

Desde a disseminação e popularização da internet, temos percebido ampla e vertiginosa transformação em nossos meios sociais. O tempo corre diferente, mais veloz, ganhou valor de mercado à medida que se percebe sua escassez; o espaço, fez-se outro(s), e nem mesmo algo tão sólido (quanto o espaço), escapou do “processo diluidor que desmancha no ar tudo o que é sólido” (BERMAN, 2007, p 88).

É notório que a expansão das tecnologias aos espaços cotidianos ampliou as nossas possibilidades de viver, bem como vem transformando as relações humanas. A leitura e a escrita no computador, as múltiplas formas de linguagem, a anulação dos espaços geográficos e a comunicação em tempo real, trouxeram outras experiências à nossa vivência, sociabilidade e cultura contemporânea. Estabelecemos novos fluxos, incorporamos elementos das tradições ao digital, ressignificamos e ampliamos a rede da interligação de linguagens (KENSKY, 2012), nos expressamos das mais variadas formas - texto, imagem, som.

As redes sociais vêm integrar esta hipercomplexidade da comunicação e das relações interpessoais. Elas têm desempenhado o papel de espaço de manifestação pública sobre todo e qualquer tema. Cada vez mais conectados a estes espaços de expressão, nós socializamos as atividades cotidianas, mostramos os lugares que frequentamos, com quem estamos nos relacionamos, o que estamos assistindo, lendo, ouvindo, entre outras ações que corriqueiras. Dessa forma, estaremos nós, compartilhando memória de experiência vivida ou perdendo nossa privacidade, entregando, voluntariamente, todos rastros a um panóptico virtual, que tudo sabe, controla e que “pode espiar até a psique” (HAN, 2018, p. 78)?

Este artigo traz um recorte teórico de uma pesquisa em desenvolvimento, que tem como objeto de estudo a análise de dois grupos de Facebook, criados por mães de crianças que possuem Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O primeiro “Mães de Pessoas com TDAH”, grupo criado em 18 de março de 2014, possui 32,5 membros, e o segundo “Mães de filhos com TDAH”, criado em 10 de fevereiro de 2017, com quase 12 mil membros<sup>3</sup>. Os grupos, foram criados com o objetivo de trazer

---

<sup>3</sup> O grupo possui 11.968 pessoas até o momento da consulta, realizada dia 04 de dezembro de 2020.



informações científicas, compartilhar vivências e experiências acerca do transtorno. Frequentemente fazem divulgação de eventos e há também uma quantidade expressiva de arquivos pessoais, no geral, fotos, demonstrando os sucessos, as melhoras, o bom comportamento e as conquistas de seus filhos. Ou ainda o oposto, indicando ferimentos, fruto de uma hiperatividade que gera consequências ao corpo, imagens que demonstram um padrão diferente, ou ainda desviante do “normal”. Apresenta-se também, fotos de caixas de medicamentos, que tratam os sintomas do transtorno.

O objetivo da pesquisa não consiste em discutir o TDAH em si; qual melhor tratamento, o que é certo ou errado. Há uma quantidade consistente<sup>4</sup> de estudos que fazem isso. O que buscamos, é compreender, de forma crítica e sensível, como as mães têm feito uso desses espaços de interação social? Como os grupos têm colaborado com elas no entendimento do transtorno? Por que a escolha do Facebook e não outros meios ou ainda outras redes sociais? É possível perceber, a partir de suas narrativas, os sentimentos, lutas, saberes, fazeres e resistências? É o que queremos! Compreender é o verbo, é nossa ação conjugada com sensibilidade.

## **2 TEMPOS DE DESORIENTAÇÃO**

Estamos acostumados a pensar na globalização a partir de expressões positivas. Essas expressões são positivadas pela facilidade da tecnologia, pela informação imediata, pelo acesso a qualquer tipo de produto, pelo encurtamento de distância, pela velocidade em tempo real, por poder ter acesso ao que está acontecendo do outro lado do mundo. Nesse sentido, conhecer coisas que, sem a globalização, talvez não fosse possível. Entretanto, autores tem chamado atenção para o quanto esta visão pode ser enganosa e superficial, devendo atentar-nos para essa expressão cultural que se mundializa.

Assim, a noção de cultura a qual conhecíamos, em sua forma clássica, alterou-se profundamente. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2011), fazem análise da cultura

---

<sup>4</sup> Conforme pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) dia 04 de dezembro de 2020, verificou-se 468 teses e dissertações com o tema TDAH entre os anos de 2010 e 2020. Disponível em <https://bdtd.ibict.br/vufind/>.



mundial, bem como as transformações pela qual a sociedade vem passando, e afirmam que nos tornamos uma sociedade perdida e desorientada, fruto do excesso de informação e da transformação cultural, da "cultura-mundo", individualista, que estimula a participação social; do tecnocapitalismo generalizado; das indústrias culturais; hiperconsumismo em escala global, das mídias e das redes digitais. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011).

Os autores apontam, ainda, que a falta do contato com o real, com o tátil, o universo descorporificado, dessensualizado e desrealizado das telas e da era digital, tem destruído o mundo sensível e condicionado uma sociedade extremamente individualista, hedonista e que desenvolveu uma nova relação consigo mesma e seu corpo. Trata-se, do "hiperindivíduo", narcisista, que fala de si, mostra-se, exhibe-se. Ao mesmo tempo que é consumidor fanático, é também produtor de conteúdo, expressivo, interativo, participativo, está em busca de interação múltipla. Entretanto não se exhibe da forma que é, mas sim da forma como gostaria de ser visto, ou, ainda, como acredita que as pessoas gostariam de vê-lo. "Está interconectado, "ligado" permanentemente nas redes que são comunidades tão pouco verdadeiras que os internautas lá se comunicam apenas sob identidades "pseudo" ou sob a forma de avatares" (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 79). Como uma segunda vida, o indivíduo gera, cria e reproduz um "eu virtual".

Byung-Chul Han classifica esses indivíduos como integrantes de uma sociedade expositiva, gerados pelo que chama de "Sociedade da Transparência" (HAN, 2017), que está voltada para fora, é pornográfica, pois extingue o mistério e tudo expõe; o sujeito é objeto-propaganda de si. Entretanto, afirma que transparência e verdade não são idênticas, haja vista o exemplo dos Avatares. "A verdade é uma negatividade na medida em que se põe e impõe, declarando tudo o mais como falso. [...] Acúmulo de informações, por si só, não produzem qualquer verdade; faltam-lhes direção, saber e o sentido" (HAN, 2017, p. 18).

Observando o objeto de pesquisa através ótica dos autores, surge questões como: será que a hiperinformação e hipercomunicação sobre o TDAH e seu tratamento, tem gerado falta de verdade entre os discursos das mães? O fato de a maioria optar por um discurso de tratamento medicamentoso, será a produção de uma verdade, pautada nos pilares indiscutíveis do biológico? Han, afirma que a sociedade positiva não admite



qualquer sentimento negativo (2017). No entanto, as mães expõem também a negatividade: suas tristezas, os desafios, os filhos que, com 11 anos ainda fazem xixi na cama, os filhos que com 8 anos ainda não são alfabetizados, que têm comportamento impulsivo, desafiador e intolerável em uma “Sociedade Positiva” (HAN, 2017, p.11).

Os canais da hipercomunicação, conforme Han (2017), são canais rasos e obscenos, libertos de toda e qualquer negatividade da alteridade, são pornográficos, pois coloca corpo e alma sob foco da visão, por isso, “obscena é a hipervisibilidade” (HAN, 2017, p. 23). Estarão, dessa forma, essas mães, provocando a obscenidade de seus filhos? Expondo-os, revelando corpo e alma sob foco da visão virtual? Ou, ainda, estarão elas nadando contra a maré de uma sociedade expositiva e imperativamente positiva?

O homem atual, está de tal forma tomado pela luxúria, que não se permite mais gozar da simplicidade, não é capaz de reconhecer a riqueza da vida simples. Parece estar passando pelo que Berardi (2003) chama de “deserotização da vida cotidiana” (p. 65), que é quando perdemos o interesse pelas coisas, pessoas e pelo próprio desejo. Quando o homem “encontra cada vez menos prazer e menos segurança na relação humana, na comunicação afetiva” (BERARDI, 2003, p. 65).

Para Berardi (2003), nesse mundo onde parece que temos tudo para ser felizes, vemos, cada dia mais, pessoas tomadas pela infelicidade, doenças mentais, insatisfação, ansiedade, inquietação e imensa desorientação individual e coletiva. Talvez se vive simulacros de realidade, ou seja, de felicidades. “No Ocidente, a liberdade não é ameaçada pela falta, pela censura, pela limitação; ela o é pela superinformação, pela overdose, pelo caos que acompanha a própria abundância. Não é a informação que falta: ela transborda em nós” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 80).

Se fizermos uma busca rápida, na internet, com a sigla “TDAH”, aparecerá um número imensurável de informações e publicações referentes ao tema pesquisado. No entanto, conforme observado nas redes e mídias, este é um assunto que desperta muitas dúvidas nas mães e pessoas que lidam com crianças que possuem o transtorno. Uma vez que suas características, podem ser impulsividade, hiperatividade, falta de concentração, apatia, desenvolvimento diferente ao dos colegas, dentre outros; percebe-se que o comportamento desviante do TDAH gera incômodos, desconforto social, desestabiliza a



ordem. Características estas, que faz com que as pessoas os classifiquem como “não normal”, e que, portanto, deve ser, o quanto antes, tratados, para que se traga a criança para o padrão normativo da sociedade.

Observando os grupos das mães no Facebook, muitos são os relatos do quão trabalhosos são seus filhos, que estão exaustas, que não aguentam mais, que eles não desenvolvem, não param de dar trabalho na escola e em casa, não conseguem aprender e ter boas notas, que não se atentam ao que é dito a eles, e assim, pedem ajuda, dicas, indicação profissional, medicamentosa, indicações de chás e outros meios que possam ajudar a “resolver o problema”.

Ao pensar a economia e sociedade que estamos inseridos, Franco Berardi (2003) diz que a “New Economy” está embasada num discurso globalizante, ideológico, que impera a promessa de felicidade no trabalho, sociedade mais igualitária, justa, na qual a maioria pode ter acesso às coisas quase que instantaneamente e gratuitamente, exaltando o sujeito autônomo, que possui grandes chances de autorrealização e sucesso individual. Tudo isso, a partir da ideologia virtual. O autor ainda chama a atenção para a fragilidade cultural que existe na sociedade virtual e aponta um caminho diferente do prometido pela economia: para o quão ilusório, enganadora e publicitária pode ser esta visão. Para Berardi (2003), fazemos parte de uma sociedade movida por uma economia que pretende somente o êxito custe o que custar, inclusive vidas.

A cultura neoliberal tem inserido a tecnologia às nossas vidas de tal forma, que Berardi (2003) afirma que essa está cada dia mais fundida às nossas vidas, ao biológico, e que estamos passando por uma reprogramação neurológica, psíquica e relacional. Nosso organismo está em fase de mutação e redesenho acelerado. No entanto, a percepção de espaço/ tempo e recepção geral do cérebro é diferente da máquina, da internet. Embora ainda não conheçamos a capacidade total de um cérebro, sabemos que há um limite, diferentemente da máquina, que é ilimitável. Assim, as consequências da aceleração trazida pela internet, tem sido o adoecimento de mente e corpo humano.

Ainda sobre essa reprogramação neurológica, indica que este novo formato nos deixou mais individualistas, que o semiocapitalismo (sistema econômico que funda sua dinâmica na produção de signos) transformou toda relação humana em negócios, assim, não há mais tempo para amizades, abraços, para introspecção, para a observação, erro,



fracasso. Hoje, temos mais informações e menos significados, as qualidades biologicamente humanas parecem ter perdido espaço em nosso corpo. Na economia da atenção, não dispomos de tempo para coisas simples e essencialmente humanas, o que torna este sistema, uma “fábrica de infelicidade” (BERARDI, 2003).

Na medida que se difundem as patologias, se difundem os medicamentos. A crescente indústria dos psicofármacos bate recordes a cada ano. O número de caixas de Ritalina, Prozac, Zoloft e outros medicamentos psicotrópicos vendidas nas farmácias, cresce ao tempo que crescem as dissociações, o sofrimento, o desespero, o terror de ser, de ter que confrontar-se constantemente, de desaparecer; cresce o desejo de matar e de morrer. (BERARDI, 2003, p. 23, tradução nossa).

À medida que cresce o sofrimento, aumenta também o uso dos psicofármacos, para anestesiar, livrar da dor, sofrimento, desatenção, negatividade, vontade de matar, de morrer e qualquer outra irregularidade biológica, que desvie do objetivo econômico de ser vencedor, que impeça o corpo de estar produtivo, positivo, feliz, empreendedor de si. Por assim dizermos, remetemos às obras de Byung-Chul Han (2017, 2018, 2019), que falam de uma sociedade do desempenho, movida pela produtividade, escrava de si mesma, presas e adoçadas pelo imperativo da felicidade, positividade e transparência. Transparência esta, que não representa uma verdade, mas que é um produto a qual precisa se encaixar nos padrões para ser visto e consumido; “o invisível não existe, pois não possui valor expositivo algum, não chama a atenção.” (HAN, 2018, p. 23).

Pensando na perspectiva dos autores apresentados, é possível questionarmos: será que as narrativas produzidas pelas mães nos grupos de Facebook, que por vezes parece priorizar a medicalização, são frutos do consumismo de hoje? São frutos de uma tendência da atualidade, em classificar, qualificar, para assim, tratar o que foge ao padrão? Estarão essas mães sendo consumidas por essas mídias e seus discursos, pelo imperativo de uma sociedade produtiva, positiva, transparente, pela Cultura-mundo (LIPOVETSKY; SERROY, 2011)? Serão as mães que pesquisamos, parte de um “enxame midiático”? (HAN, 2018).

Na “sociedade da transparência” (HAN 2017), toda e qualquer distância se mostra como negatividade, e deve ser eliminada, pois impõe um empecilho ao



aceleramento do circuito da comunicação e do capital. Pensando nas crianças TDAH e nos sintomas que geralmente apresentam, elas não possuem características aceitáveis, comportamento adequado, produz a distância, gera intolerância, logo, personifica a negatividade e devem ser eliminadas.

Talvez, por este motivo a maioria das mães dos grupos optam pelo tratamento medicamentoso de seus filhos, chegando, muitas vezes, a fazer uso de vários remédios até que encontre algum que alivie os sintomas do corpo “errante”. Pois se não os normalizar, entendem que seus filhos serão eliminados, socialmente, psicologicamente, culturalmente. As crianças TDAH são desajustadas, erradas, assimétricas vivendo em uma sociedade em que a “transparência é um estado de simetria” (HAN, 2017, p. 32), por isso precisam ser tratadas imediatamente. Assim, parece que o único caminho possível para o imediato é aquele que normaliza o corpo e entorpece a alma.

Percebe-se que, no estilo de vida que se impõe à sociedade, não há tempo a perder. É preciso atender às demandas do ritmo acelerado de nosso tempo, cuja velocidade não pode ser freada. O sujeito abatido precisa recompor-se, precisa estar sempre alerta e produzir, nem que para isso mova-se forças do organismo, abrevie-se o sofrimento, prolongue-se o bem-estar e a vitalidade através das terapias farmacológicas. Han (2017) relembra Nietzsche, ao afirmar que a infelicidade é uma parte constitutiva importante para o homem, inclusive para sua formação. O homem também necessita da dor, para dela tirar experiências construtivas à vida. Pois esta (a vida) não é somente pautada em estéticas de existência, mas também é dor, angústias, desassossegos, dentre outros sentimentos que legitimam a vida.

### **3 GRUPOS DO FACEBOOK: DIÁLOGOS E INSURGÊNCIAS**

Enquanto os autores apontados anteriormente discutem a sociedade contemporânea a partir de uma óptica pessimista, que perdeu valores, sensibilidade, uma sociedade voltada cada dia mais para fora, hiperconsumista, é possível ver a mesma situação por outras perspectivas. Não é de hoje que as mídias digitais têm sido



discutidas, que se tem levantado a preocupação quanto ao consumo voraz de uma estética definida, que massifica, que recebe e reproduz a informação do modo como chega, sem passar por uma crítica.

As pessoas, através dos novos espaços digitais sociais, também “produzem culturas, saberes e conhecimentos.”(SANTOS, 2019, p 21). O ciberespaço - “conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo de sua história” (SANTOS, 2019, p. 30) - vem instituindo contextos e práticas originais e inovadoras em nossa sociedade.

A web 2.0, através das redes sociais (Facebook, Youtube, Twitter, Instagram), tem mobilizado maior participação e autoria social no ciberespaço, uma vez que os internautas podem expressar colaboração e compartilhamento. Resultado da interseção de mudanças tecnológicas, econômicas e sociais, a web 2.0 não é somente uma questão de evolução da tecnologia digital em rede conversacional. Também não é somente uma questão de como os negócios estão mudando, baseados na produção colaborativa de conteúdos que está impactando a economia e o funcionamento de empresas de diferentes setores. “Conjuntamente, expressa que o que realmente motiva as pessoas a se envolverem em redes de contato na mídia social; é a liberdade de expressão das autorias, de interlocução e de colaboração.” (SANTOS, 2019, p. 32).

Percebemos que o ciberespaço tem se difundido cada dia mais na sociedade, sua natureza democrática, permite às pessoas a possibilidade de criar, de produzir conteúdo, enxergarem-se como sujeitos agentes econômico-políticos-sociais e entregam-se ao “sentimento partilhado em rede, em tribos, com base naquilo que é emocionalmente comum” (MAFFESOLI, 1987, p.27). Permitiu ainda, maior mobilização das identidades, aja vista o modelo de negócio do Facebook, “Cauda Longa<sup>5</sup>”, que revolucionou, democratizou e promoveu a diversidade, podendo abranger um público maior, apostando em uma cultura de nicho para fidelização dos usuários (FRANÇA, 2018).

---

<sup>5</sup> Consiste em um modelo econômico que vem grandes variedades de produtos, portanto, menos quantidade, porém uma maior diversidade, produtos de nicho, que no total, geram alto valor em vendas.



Fala-se muito em perdas de espaços geográficos, desterritorialização, na falta do contato físico, na desumanização e desnorтеio social, entretanto, é interessante pensarmos em transformações de espaços e das relações inter-relacionais. A humanidade não se perdeu, o mundo não deixou de ser real, mas transformou-se, e a sociedade segue o fluxo do que está posto para viver em seu tempo. As narrativas das mães nos grupos podem não ser frutos de um consumismo ou uma tendência atual como questionado anteriormente, pensando sob a ótica de Han. Essas narrativas dispõem de recursos mais práticos, acessíveis e usuais, afinal, em que outro espaço físico seria possível o compartilhamento de tantas informações, vivências e experiências? Isso, sem levar em conta o atual panorama de isolamento social, por conta do vírus Covid.

A internet pode fortalecer e constituir uma cultura, uma cibercultura, de forma que todos possam ter acesso, fazer parte ao produzir conteúdo, possam ainda, apropriar-se, “apoderar-se da dinâmica autoral, colaborativa e móvel para empoderar-se como cidadão nas cidades e no ciberespaço.” (SANTOS, 2019, p. 46). Neste formato de cultura, a produção não se dá de cima pra baixo, mas ela surge de todos os lados, do povo, das comunidades, dos jovens, da periferia. Não há diferenciações sociais, não há supremacias, mas nichos, comunidades, grupos, classificados não pelo que se impõe num padrão social pré-determinado, mas pela partilha de um gosto em comum. E isso não apenas pode, mas já possibilita uma cultura de pertencimento, de cidadania, de educação diversa e polivalente.

Pensando nos grupos das mães de TDAH, percebe-se que eles se constituem também como espaço de aprendizagens, reflexões, trocas de experiências, informações, vivências, produção de conteúdo, interações e interconexões que ultrapassam limites, fronteira pessoais e sociais. São espaços de educação, construção não somente de conhecimento, mas uma construção emocional, fruto de uma produção coletiva de suas vivências. E talvez por isso, os grupos de Facebook, para essas mães, sejam muito mais importantes e significativos, do que qualquer outra forma de obtenção de conhecimento. Pois trata-se de uma pedagogia de autonomia, que parte da necessidade delas para o mundo e não do mundo para se encaixar a elas, aos seus filhos. O nosso conhecimento do mundo tem historicidade (FREIRE, 1996). As mães dos grupos fizeram cultura



emergente, que caminham sentido oposto às convergências dos padrões sociais produzido.

Trata-se de espaço pluralista, onde não há, propriamente, controle centralizado, que reforça competências diversas, gerando laços comunitários, coletiviza saberes, fazeres delas, construídos por elas. Percebe-se que, mesmo que haja uma hiperinformação sobre o TDAH, do tratamento e exposição de suas particularidades, não se aponta verdades ou inverdades entre a fala delas, não há obscenidade gerada pela hipervisibilidade, como se questionou anteriormente. Existem versões, relatos, memórias, aprendizado. O que cabe a nós, portanto, é perceber, escutar, compreender, de forma crítica, porém sem perder de vista as sensibilidades e empatia. Auscultar, não somente no sentido de ouvir, investigar, mas como quem escuta com o coração, os gritos e os silêncios, percebidos também nestes ambientes.

Nestes espaços, diferentemente do que apontou HAN (2017), as distâncias não são negativas, mas repensadas, reformuladas e, por isso, com potenciais revolucionários, pois permitem a interatividade, aprendizagem colaborativa, o diálogo. É preciso ter uma escuta sensível, olhar atento, colocar-se no lugar do outro, mesmo que esse outro seja um “eu virtual”, um avatar, que projeta um ideal. Afinal este virtual, é constituído de vida orgânica. Mais que um lugar de troca de experiências, sentimentos, é espaço também de educação, é forma de poder, de resistência, perante uma sociedade que tem por imperativo a positividade e produtividade, que afasta o negativo, que elimina toda forma de distância (HAN, 2017).

As mães, que se (re)uniram, neste espaço, delas, criado por elas, não por tendência de consumismo atual, que classifica, qualifica, e segue um padrão e corrige o corpo desviante a qualquer custo. Não nos parece, as mães, estar sendo consumidas pelas mídias e seus discursos, pelo imperativo de uma sociedade produtiva, positiva, transparente: já observamos que elas fazem o contrário, nadam contra a maré imposta socialmente, de positividade, de expor somente o belo, o que deu certo, o melhor dia – elas quebram esse estereótipo de que só se posta o positivo. É pouco provável que o que elas fazem é movido pelo que Han classifica como “exame midiático” (HAN, 2018). Os grupos do Facebook têm, antes, favorecido para confluência e organização de



peças que mobilizam interesse por um mesmo tema em comum. Conforme Vani Kenski:

A convergência das mídias favorece a confluência das pessoas e a organização de grupos de interessados em um mesmo assunto. Esses grupos transcendem os limites da sociedade em rede apresentada por Castells, definida nos limites geopolíticos dos territórios e das nações. Essas redes temáticas constituem novas comunidades virtuais marcadas pela filiação voluntária, determinada pelo interesse intelectual e/ou emocional em relação a um determinado assunto. Caracterizam-se pelo diálogo, pela troca de conhecimentos entre os membros, a produção coletiva, a investigação colaborativa e a distribuição de informações relevantes de forma aberta para todos os interessados.” (KENSKI, 2012, p. 13)

Apesar de criticar as mudanças profundas que a internet trouxe à estrutura social, Lipovetsky e Serroy (2011), entendem que as culturas cruzam entre si permanentemente, de diferentes locais, diversificando-se e alimentando umas às outras. E que, portanto, “a cultura-mundo não determina apenas o mundo das indústrias culturais e da Rede. Ela significa também um novo lugar e um novo estatuto da arte em nossas sociedades.” (p. 87). Por isso, faz-se também como espaço diverso, democrático ou ainda, “crioulizadas”, (p. 126), ou seja, de diferentes espaços e culturas, enriquecendo o ambiente sociocultural, uma vez que as redes sociais permitem o entrecruzamento de informações, vivências, opiniões, produções, de forma muito mais fluida

Através dos grupos do Facebook, as mães podem, de diferentes locais do Brasil – e até do mundo – trocar informações, experiências, apontar a diversidade e as adversidades enfrentadas por ser diferente, ajudar na construção de um espaço no qual se sintam verdadeiramente compreendidas e acolhidas. Espaço este, onde não há julgamentos, mas interação, comunicação, troca, educação, construção identitária, de memória, de luta, de resistências, de vida.

Por sua vez, Han (2017) diz que “a narração exerce uma seleção; o curso narrativo é estreito, só admite determinados acontecimentos. É por isso que ele impede a proliferação e a massificação do positivo” (HAN, 2017, p. 75) e que o excesso de



positividade é um indicativo de que a sociedade foi privada de sua narratividade. Por isso, a memória também foi atingida.

No entanto, parece-nos que os grupos das mães não privam sua narratividade, pois compartilham vivências e experiências. Elas apontam coisas que, inclusive, não é fácil de expor, elas nadam e lutam contra a maré da imposição da positividade. Personificação de diversidade e resistência se faz nesses grupos de mães, que permitem que a narrativa siga seu curso, seja ele positivo ou não. Espaço este, onde podem falar, expressar, “transparecer” suas dores e sofrimentos, trocar informações, insurgir, convergir. Unidas com um objetivo em comum, produtoras de subjetividades outras, elas persistem, sobrevivem numa sociedade autoritariamente positiva, produtiva, sem defeitos, transparente. Elas existem e pedem, juntamente com seus filhos, para existirem, e, por isso, (re)existem!

A educação-comunicação, exercida nos grupos de mães de TDAH, vai além das possibilidades oferecidas pelas mídias contemporâneas e dos níveis segmentados dos sistemas educacionais atuais (KENSKI, 2012). Ultrapassa a tentativa de ordenação sobre o que é, biologicamente, o transtorno, os sintomas, os tratamentos e terapias. As relações que ali elas tecem, “realiza-se na ação precisa que lhe dá sentido: o diálogo, a troca e a convergência comunicativa, a parceria e as múltiplas conexões entre as pessoas, unidas pelo objetivo comum de aprender e de conviver” (KENSKI, 2008, p. 17). Tessituras que possibilitam construir pontes entre si, unidas pelo aprender, não somente sobre o transtorno, mas sobre si, sobre conviver e sobreviver ao caos, que muitas delas vivem e que compartilham entre sua comunidade e para o mundo.

## **Para Finalizar**

Os diálogos estabelecidos com os autores apresentados são instigantes, críticos, divergentes, hora insurgentes, possibilitando o uso de lentes para se observar e pensar a sociedade e sua relação com as mídias, bem como dialogar com o objeto que hora estamos investigando e construindo. Ao pensar no objeto de pesquisa, procuramos travar diálogos e embates entre autores que percebem certa transformação social,



cultural e econômica causadas pela internet, tanto com aqueles que a veem de forma negativa, como aqueles que apostam no espaço virtual a possibilidade de uma produção autônoma, autoral, diversa, coletiva e democrática.

Através dos Grupos das Mães de crianças que possuem TDAH, chamamos atenção para que se perceba as mídias sociais digitais, tal como o Facebook, de forma crítica – tanto em seus aspectos positivos, quanto negativos. Trazer o dualismo positivo/negativo abre possibilidades outras de entrecruzamentos, de aspectos outros que possam romper com o sim e não, vir o talvez ou olhares menos binários. É preciso que não se endeuse, mas também que não demonize os tais espaços, pois, diferentemente do que aponta diversos autores, não se trata de algo superficial, raso, de discussões sem importância, com pouca ou nenhuma cientificidade; mas de possível produção democrática, autoral, de uma comunidade que constrói e fortalece sua identidade, memória, luta, existência e resistência, através dos registros de memórias, vivências e experiências vividas.

E mais que isso, é preciso que apontemos caminhos, pois nos parece que não é possível voltar atrás daquilo que já está posto. Então, saibamos estabelecer reflexões, ponderamentos, espasmos e, quiçá, trabalhar com as possíveis mudanças e transformações tecnológicas ocorridas – e as que estão por vir - de forma a aprender com essas.

Trata-se, portanto, de atentarmos para a infraestrutura do espaço interacional que hoje não é palpável, não é unidirecional, mas dinâmico, democrático, com potências, insurgências e virtual. São ainda possíveis espaços informacionais, educacionais, de construção. Não são somente de conhecimento, mas de construção emocional, coletiva, autoral. São espaços de memória, de experiências vividas. Por fim, os grupos de Facebook, para essas mães, fazem-se importantes e significativos, talvez mais do que outra forma de apreensão de conhecimento. Podem essas mães exercerem o “esperançar” freiriano? (FREIRE, 1996). Pelas leituras, diálogos e embates com autores, afirmamos que sim, porque as mães não esperam, agem, narram, trocam experiências vividas, aprendem umas com as outras.



## Referências:

BERARDI, Franco. **La fábrica de la infelicidad**. Nuevas formas de trabajo y movimiento global. Traficantes de Sueños, 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. **O modelo de negócios Facebook** -Instant Articles no financiamento do jornalismo online no Brasil. Aracaju-SE: Editora Amazilia Coral, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Psicopolítica**: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução Maurício Liesen. Editora Âyiné. Belo Horizonte. 2018

\_\_\_\_\_. **No exame**: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. **Hiperculturalidade**: cultura e globalização. Tradução Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. 8ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Comunicação**: Interconexões e Convergências. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Cultura Mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução Maria Lúcia Machado. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MAFFELOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo na sociedade de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

SANTOS, E. **Pesquisa-Formação na Cibercultura**. 1ª ed. Teresina: EDUFPI, 2019.